

A QUESTÃO ECOLÓGICA E O SERTÃO NAS MÚSICAS DO REI DO BAIÃO

Romero de Albuquerque Maranhão; Norberto Stori

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: A música tem o poder de expressar os sentimentos, revelar memórias, conhecer as representações sociais, o contexto político e o imaginário popular, além da capacidade de dialogar com a história de um povo. Neste sentido, as músicas cantadas por Luiz Gonzaga merecem destaque, pois tratam de temas tipicamente do nordeste brasileiro, mais especificamente do sertão, dentre os quais: a fauna, flora, geografia, política, história, cultura, economia e ecologia. Assim, o objetivo deste trabalho foi compreender os significados dos elementos ecológicos presentes nas músicas de Luiz Gonzaga, a fim de entender a relação homem - natureza vivenciada pelo sertanejo do Nordeste. Os resultados apontam que Luiz Gonzaga utilizou suas músicas como um veículo de sensibilização sobre a problemática ambiental e como propagação de um saber ambiental ao criar representações sobre o sertão. Com suas canções e apresentações, Gonzaga conduz o nordestino e todos aqueles que admiram suas músicas a uma visualização da terra, da cultura e da natureza, ao falar dos cangaceiros, da caatinga, dos mandacarus, carcarás e gaviões, do solo rachado pela seca, da asa branca e da preocupação com o meio ambiente deteriorado pela ação humana. Desta forma, Gonzaga não apenas descobre o Nordeste, ele é um dos mais importantes inventores da região, participando objetivamente da construção da própria idéia da região, enquanto território de cultura. O nordeste de Luiz Gonzaga é o seu sertão, é a sua vida, seu sentimento, suas lembranças, suas memórias, suas experiências, suas vivências, suas imaginações, suas paixões...

Palavras-chave: Educação Ambiental; Interdisciplinaridade; Nordeste.

INTRODUÇÃO

A relação entre arte e ciência pode se concretizar de diversas formas, dentre elas, através da produção musical. A música se apresenta como uma das manifestações culturais mais carregadas de subjetividade. Sendo assim, ela expressa e, ao mesmo tempo, molda, as concepções de mundo das pessoas, podendo influenciar nas diversas formas de relação que elas estabelecem com seu meio social e natural.

A música não pode ser dissociada do seu local, pois possui diferentes estilos, abordagens e concepções. De acordo com Bennett (1986), a música existe e sempre existiu como produção cultural, pois de acordo com estudos científicos, desde que o ser humano começou a se organizar em tribos, a música era parte integrante do cotidiano dessas pessoas.

A musicalidade tem o poder de expressar os sentimentos, revelar memórias, conhecer as representações sociais, o contexto político e o imaginário popular, além da capacidade de dialogar com a história de um povo. Neste sentido, as músicas cantadas por Luiz Gonzaga merecem destaque, pois tratam de temas tipicamente do nordeste brasileiro, mais

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

especificamente do sertão, dentre os quais: a fauna, flora, geografia, política, história, cultura, economia e ecologia.

O mestre da música cantou os problemas sociais do nordeste dentro e fora do Brasil, registrou os valores culturais relacionados à identidade nordestina e contribuiu com o enriquecimento da cultura brasileira. Pelo quadro da época, registrado nas músicas, o sanfoneiro ganhou reconhecimento e fama, após superar as dificuldades econômicas e as resistências de alguns artistas, apresentadores e produtores culturais do rádio, até então no auge como difusores cultural e artístico.

Assim, o objetivo deste trabalho foi compreender os significados dos elementos ecológicos presentes nas músicas de Luiz Gonzaga, a fim de entender a relação homem - natureza vivenciada pelo sertanejo do Nordeste.

QUEM FOI LUIZ GONZAGA - O REI DO BAIÃO?

Luiz Gonzaga do Nascimento (figura 1), conhecido como o Rei do Baião, nasceu no dia 13 de dezembro de 1912, numa casa de barro batido na Fazenda Caiçara, povoado do Araripe, a 12 km da área urbana de Exu (a 610 km do Recife, a 69 km de Crato - CE e a 80 km de Juazeiro do Norte – CE). Foi o segundo filho de Ana Batista de Jesus Gonzaga do Nascimento, conhecida na região por “Mãe Santana”, e oitavo de Januário José dos Santos do Nascimento.



Figura 1. Luiz Gonzaga – o Rei do Baião.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Gonzaga

Seu pai trabalhava na roça, num latifúndio, e nas horas vagas tocava acordeão; também consertava o instrumento. Foi com ele que Luiz aprendeu a tocar o instrumento. Muito jovem ainda, já se apresentava em bailes, forrós e feiras, de início acompanhando seu pai. Autêntico representante da cultura nordestina manteve-se fiel às suas origens mesmo seguindo carreira musical no sudeste do Brasil.

Todavia, o gênero musical que o consagrou foi o baião. A canção emblemática de sua carreira foi Asa Branca, composta em 1947, em parceria com o advogado cearense Humberto Teixeira. Gonzaga, por conta de uma desilusão amorosa, deixa Exu e parte para Fortaleza, ingressando em seguida no exército em 5 de junho de 1930. Durante nove anos viajou por vários estados brasileiros, como soldado, sem dar notícias à família e deu baixa do Exército em 27 de março de 1939, no Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, então capital do Brasil, começou tocando em bares, cabarés e programas de calouros. No início da carreira, apenas solava acordeão em choros, sambas, *foxtrot*es e outros gêneros da época. Seu repertório era composto basicamente de músicas estrangeiras que apresentava, sem sucesso, em programas de calouros. Apresentava-se com o típico figurino do músico profissional: paletó e gravata. Até que, em 1941, no programa de do músico, compositor e apresentador de rádio Ary Barroso, foi aplaudido executando Vira e Mexe, com sabor regional, de sua autoria.

Em 1945 conheceu, em uma casa de shows da área central do Rio, uma cantora de coro e samba chamada Odaléia Guedes dos Santos, conhecida por Léia. A moça estaria supostamente grávida de um filho ao conhecer Luiz. Foram morar em uma casa alugada, e Luiz assumiu a paternidade da criança, dando-lhe seu nome: Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991), que acabaria também seguindo a carreira artística, tornando-se o cantor e compositor Gonzaguinha, autor de grandes sucessos da música popular brasileira. A relação entre o casal era boa no início, mas depois começou a se desestabilizar e tornar-se conflituosa, levando Odaléia a sair de casa com o filho, com menos de dois anos de convivência. Luiz a buscou na pensão onde ela voltou a viver, e não aceitava que ela saísse de casa, mas depois decidiu deixá-la lá com o filho. Odaléia, então, voltou a trabalhar como dançarina e cantora, e criou o filho sozinha, mas Luiz a ajudava financeiramente e visitava o menino.

No ano de 1946 Luiz Gonzaga conheceu, também no Rio de Janeiro, a professora pernambucana Helena Cavalcanti, em um show que fez, e começaram a namorar. Ele precisava de uma secretária para cuidar de sua agenda de *shows* e de seu patrimônio

financeiro, e antes de a pedir em namoro, a convidou para ser sua secretária. Helena precisava de um salário extra para ajudar os pais, já idosos, com quem ainda morava, e aceitou.

Já em 1947, a sua primeira companheira Léia morreu de tuberculose, quando seu filho Gonzaguinha tinha dois anos e meio. Luiz queria levar o menino para morar com ele e pediu para Helena criá-lo como se fosse dela, mas ela não aceitou, assim como sua mãe Marieta. Helena não conseguia engravidar e o casal adotou uma criança, uma menina recém-nascida, a quem batizaram de Rosa Cavalcanti Gonzaga do Nascimento.

Gonzaga foi um importante compositor e cantor popular, uma personalidade da MPB. Cantava e encantava o público com sua sanfona, levando a alegria às festas juninas e aos forrós pé-de-serra. Em seu último show, Gonzaga declarou querer ser lembrado como sanfoneiro que amou e cantou muito seu povo, o sertão, as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes e o amor. Em seus discos, o Rei do Baião traduziu de fato, as alegrias e as dores dos sertanejos, sempre desenhando o cenário real dos vários sertões em um só.

Em 2 de agosto de 1989, Gonzaga morreu vítima de Parada cardiorrespiratória no Hospital Santa Joana, na capital pernambucana. Seu corpo foi velado na Assembléia Legislativa de Pernambuco, em Recife, e posteriormente sepultado em seu município natal.

METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa e exploratória que visa a prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o assunto – a questão ecológica na música do Rei do Baião. Como documento histórico, a música de Luiz Gonzaga é uma inesgotável fonte da cultura popular para conhecer o nordeste.

De acordo com Matos (2005), a produção musical se apresenta como um corpo documental particularmente instigante, já que por muito tempo constitui um dos poucos documentos sobre certos setores relegados ao silêncio, centrando-se na expressão de sentimentos e abordando temáticas tão raras em outros documentos. Trata-se de uma documentação muita rica e pouco explorada pela análise histórica, com grande potencial para revelação do cotidiano, das sensibilidades e das paixões.

Neste contexto, para a compreensão e análise da questão ecológica, a partir das músicas do Rei do Baião, foram selecionadas 21 músicas (quadro 1). As letras foram inseridas num banco de dados e analisadas pela técnica de análise de conteúdo.

Conforme apontamentos de Mattar (1996: 133), cabe destacar que as músicas foram selecionadas por conveniência dos pesquisadores, pois se deseja obter informações de maneira rápida.

Quadro 1. Relação das músicas de Luiz Gonzaga selecionadas para a análise.

| | | |
|---------------------|-------------------------|---------------------|
| Asa Branca | A Volta da Asa Branca | Aquarela Nordestina |
| Xote das Meninas | Último Pau de Arara | Luar do Sertão |
| Eu Só Quero Um Xodó | Assum Preto | A Triste Partida |
| Xote Ecológico | Suplica Cearense | Vozes da Seca |
| A Vida do Viajante | O Jumento É Nosso Irmão | Riacho do Navio |
| ABC do Sertão | Pagode Russo | Xaxado |
| A Morte do Vaqueiro | Algodão | A Feira de Caruaru |

A SECA, O SOFRIMENTO E A FÉ NO SERTÃO DE ASA BRANCA

“O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria idéia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011: 120).

Assim, a seca ganhou notoriedade e passou a ser tema de discursos políticos, cantigas, poesias, obras cinematográficas e músicas. As músicas não são apenas acordes, notas e melodias. Elas são capazes de informar, expor ou explicitar as ações humanas, sua história, existências, angústias e necessidades.

A canção Asa Branca foi composta em 1947, tendo como parceiro de composição o advogado e deputado federal cearense, Humberto Teixeira (1915-1979), conhecido como o Doutor do Baião. O nordeste, neste período, já passava por momentos difíceis, por contas da grande seca de 1932, iniciada de fato em 1926, com um breve intervalo em 1929, tendo se configurado em verdadeiro cataclisma socioeconômico na região nos anos seguintes, atingindo o ponto culminante no ano que a imortalizou, cuja calamidade fez com que o flagelo, tantas vezes repetido, assumisse proporções devastadoras, principalmente para a população carente.

Essa canção foi considerada a obra mais famosa e consagrada do repertório de Luiz Gonzaga, eleita pela Academia Brasileira de Letras, em 1997, como a segunda canção mais marcante do século XX, por apresentar o tema da seca nordestina e suas consequências ecológicas como: falta d’água, tristeza, miséria, êxodo, separação, sofrimento e morte.

Em suas primeiras estrofes, os autores registram que a seca era tão grande e forte que eles a compararam com uma fogueira de festa junina. Registram que a terra ardia de tão quente e seca que estava e, também, suplicam a Deus por que tanto sofrimento e judiação.

*Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação*

A palavra judiação citada na música, proveniente do verbo judiar, é associada ao povo judeu, devido aos sofrimentos narrados na Bíblia vividos por esse povo que, como os nordestinos também viveram a experiência do êxodo.

Na segunda estrofe os autores reafirmam que o calor é insuportável comparando-o a uma fornalha e descrevem a terra sem vegetação. Explicitam, ainda, que a falta de água, por conta da seca ou da ausência de política pública, provocou a mortandade dos animais. Além disso, a terceira estrofe evidencia a migração da ave asa branca (um tipo de um pombo - *columba picazuno*) para o sul por causa da seca.

*Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração....*

Ainda é possível identificar, na estrofe acima, aspectos relacionados à migração feita por homens (hoje, por homens e mulheres, mas na época da canção era feita só por homens) que deixavam sua cidade, sua região, procurando melhorias de vida e sustento da família, saindo e deixando para trás mulher e filhos. Assim, está explícito a divisão de papéis sociais do homem como o provedor e da mulher que fica para cuidar dos filhos e do lar.

Santos (2004) registra que a imigração ocorreu devido ao nordeste ser uma região marcada pelas constantes secas, onde reinam o coronelismo e os grandes latifúndios, onde a estrutura social está marcada por um processo de cristalização das desigualdades sociais.

Apesar da fé em Deus, derivada da colonização e aos desbravadores do sertão, o nordestino bate em retirada, vencido pela má sorte, pela desesperança, pelo agouro permanente da trágica situação provocada pela longa estiagem. A seca, assim, é uma espécie de pecado divino, um castigo de Deus.

De acordo com Rebouças (1997), em Asa Branca, a seca nordestina é retratada apenas na perspectiva climática e geográfica, reproduzindo a mentalidade de conformismo do povo nordestino em relação a essa problemática que, também, é de ordem política e social.

Em 1950, Luiz Gonzaga e Zé Dantas retomam a canção Asa Branca e compõem a Volta da Asa Branca, apresentando o regresso da ave, o retorno do retirante expulso pela seca, a chegada da chuva e o milagre divino de ver a terra brotando novamente. Para o nordestino do sertão, a chegada da chuva, que é irregular, é sempre recebida com espanto. Quando os céus mandam a chuva, é milagre ver o chão fecundado e o verde que brota do solo seco da noite para o dia.

*A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se lembrou
De mandar chuva / Pr'esse sertão sofredor
Sertão das muié séria /
Dos homes trabaiador / Rios correndo
As cachoeira tão zoando / Terra moiada
Mato verde, que riqueza / E a asa branca
Tarde canta, que beleza / Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza....*

Na segunda estrofe da música, a chuva é percebida como um milagre divino porque representa a renovação da vida ameaçada pela morte dita “natural” que a seca trouxe. Na terceira estrofe percebe-se que, após a chuva a natureza volta a ser generosa com o povo nordestino, pois há o cantar das aves, a mata volta fica verde novamente e o povo alegre outra vez.

A QUESTÃO (ECO) LÓGICA NO XOTE

A música Xote Ecológico de Luiz Gonzaga e Aguinaldo Batista de 1989 oferece a possibilidade de interpretar o tema meio ambiente e outras questões sociais de diversas formas, bem como possibilita discussões relacionadas à exploração exacerbada dos recursos naturais geradas pelo modo capitalista de produção e o consumismo desenfreado no mundo atual.

*Não posso respirar, não posso mais nadar / a terra está
morrendo não dá mais pra plantar / se plantar não
nasce, se nascer não dá / até pinga da boa é difícil de encontrar.*

*Cadê a flor que estava aqui? / poluição comeu. / O
peixe que é do mar? / poluição comeu. / O verde onde é
que está? / poluição comeu. / Nem o Chico Mendes sobreviveu.*

A letra da música apresenta a percepção ambiental dos compositores nas últimas décadas do século XX, quando a industrialização nas grandes cidades atinge a natureza e afeta a região amazônica.

Fica implícito que a grande quantidade de automóveis e indústrias implica num alto grau de poluição que não passa despercebido por quem construiu vínculo forte com um meio ambiente ecologicamente equilibrado. Com tom de protesto, as poluições do ar e da água não impossibilitam nadar e respirar com a qualidade devida. Também ocorre um antropomorfismo da terra, que está a morrer, nutrindo mal a plantação. A monocultura canavieira aparece como um problema implícito, quando a letra diz que nem cachaça boa se encontra mais, afinal, um solo empobrecido não pode render colheitas de boa qualidade.

Como cobrança, a pergunta pela flora e pela fauna e responsabiliza os poluidores pela devastação. Finalmente, sugere que estes poluidores possuem fortes interesses que os levam, inclusive, ao assassinato do ativista ambientalista Chico Mendes (figura 2). A defesa do meio ambiente ganha aqui um caráter político fortíssimo.

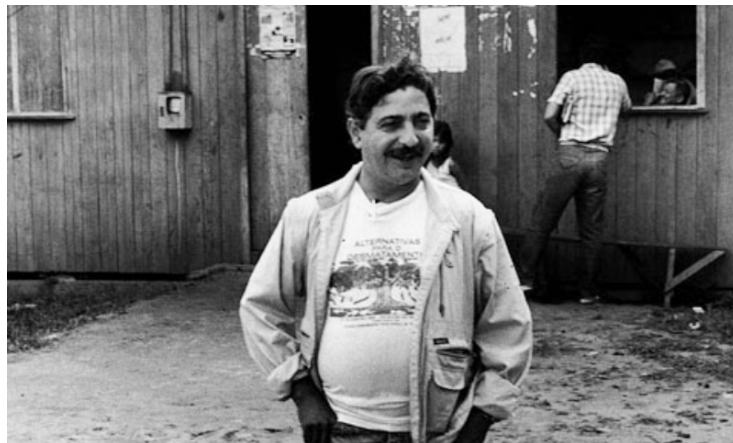


Figura 2. Chico Mendes na frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri – Acre.

Fonte: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/o-legado-de-chico-mendes-no-cinema/o-legado-de-chico-mendes-no-cinema-mostra-ecofalante-foto-mariana-bazo-conexao-planeta/>

VOZES DA SECA

Em 1953, Luiz Gonzaga compõe a música Vozes da Seca, em parceria com o compositor, poeta e folclorista brasileiro Zé Dantas (1921-1961). A música é uma mistura de discurso político e manifesto. Uma forma poética de denunciar o descaso e a omissão dos governantes no que se refere ao combate à seca.

Acredita-se que os compositores procuraram reivindicar providências do então presidente Getúlio Dornelles Vargas (1881-1954) contra a situação difícil da população afetada pela seca que atingia boa parte do país, especialmente o nordeste. Pois, o então

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

Presidente, no afã de fazer expandir a sua filosofia populista, que tivera um início bem sucedido, com a implantação de normas trabalhistas, copiadas dos países do leste europeu, buscou introduzir no âmbito rural brasileiro, com destaque para o sertão nordestino, um novo modelo de esforço governamental, representado por “favores” para amenizar os efeitos da seca, que tanto afligia a nobre e brava população daquela importante parte do território nacional.

A canção na verdade apresenta um “recado” às autoridades políticas, apresentando de maneira simplória e suave, mas com tom crítico, um desabafo contra o descaso político diante da problemática da seca no nordeste.

*Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
É por isso que pidimo proteção a vosmicê
Home pur nós escuido para as rédias do pudê
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo intê os juru sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mão*

Com linguajar e vocabulário típicos do sertanejo, os compositores fazem uma reivindicação por programas e frentes de trabalho, ressaltando nas entrelinhas, que o povo não precisa de esmola, e sim de dignidade para viver. O “douto” citado na música é o tratamento comum na região para se referir aos médicos, juízes, delegados e políticos.

Cabe registrar que Luiz Gonzaga, durante o governo Médici, foi chamado ao departamento de censura da Polícia Federal para ouvir daquele órgão que dali para frente não poderia mais cantar três músicas em seus shows, entre elas “Vozes da Seca”, além de “Paulo Afonso” e “Asa Branca”.

ASSUM PRETO NO SERTÃO

Na música Assum Preto de Gonzaga com Humberto Teixeira, gravada em 1950, é retratada a beleza de uma paisagem bucólica, comum no sertão após as chuvas, pois quando há estação chuvosa na região pode-se ver o reverdecimento da mata. Esse fato traz alegria, esperança para o sertanejo. No entanto, a beleza do sol do mês de abril e das flores não pode

ser apreciada por assum preto, porque não pode vê-la, já que é cego. A cegueira aqui é física, reforçada pela expressão “pleonástica”: “Cego dos óio”.

*Tudo em volta é só beleza
Sol de abril e a mata em flor
Mas Assum Preto, cego dos olhos
Não vendo a luz, ai, canta de dor
Mas Assum Preto, cego dos olhos
Não vendo a luz, ai, canta de dor*

*Talvez por ignorância
Ou maldade das piores
Furaram os olhos do Assum Preto
Para ele assim, ai, cantar melhor*

*Assum Preto vive solto
Mas não pode mais voar
Mil vezes a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse olhar*

...
*Assum Preto, o meu cantar
É tão triste como o teu
Também roubaram o meu amor, ai
Que era a luz, ai, dos olhos meus
Também roubaram o meu amor, ai
Que era a luz, ai, dos olhos meus*

A beleza é expressa pelo pássaro, de outra forma, a partir de um canto doído: “canta de dor”. Cantar, normalmente, é expressão de quem está alegre, mas nesse texto o canto é doloroso, é uma forma de superar a sina. O pássaro ficou cego a partir de uma circunstância externa: “furaro os óio do assum preto”.

Não sabe se foi por ignorância ou maldade, mas sabe que furaram os olhos do pássaro e quem fez isso tinha a crença de que o canto de assum preto seria aperfeiçoado. Não se sabe também quem cegou assum preto, o verbo “furaro”, na terceira pessoa do plural, indetermina o sujeito. Outra contradição presente na canção é: o pássaro é livre, mas não voa. Como não vê, não voa. Voar é símbolo de liberdade. Assum preto é preso ao lugar. É livre, mas não vivencia essa liberdade da forma que se concebe para um pássaro.

Neste contexto, assum preto é uma música que denuncia um ato praticado por fazendeiros ou pequenos agricultores, pois, antigamente era normal os donos de pássaros furarem os olhos da ave para que ela cantasse melhor, cego o pássaro chorava e cantava de dor fazendo com que seu canto se tornasse mais bonito. Além disso, a música retrata a solidão e o aprisionamento do pássaro que se torna um animal doméstico.

O JUMENTO É NOSSO IRMÃO!

“O Jumento É Nosso Irmão”, ou “Apologia ao Jumento”, gravada, com diferenças textuais, em 1968 e em 1976. Na primeira versão, o narrador satiriza amorosamente os inúmeros serviços prestados aos sertanejos pelos quadrúpedes: “Ele tem tantas virtudes/ ninguém pode carculá/ conduzindo um ceguinho/ porta em porta a mendigar/ os pobre vê no jubaio/ um irmão pra lhe ajudá”.

Na versão de 1976, Gonzaga insere textos falados mais provocativos em termos políticos: “O jumento sempre foi o maior desenvolvimentista do sertão. Ajudou o homem na lida diária. Ajudou o Brasil a se desenvolver. Arrastou lenha, madeira, pedra, cal, cimento, tijolo, telha. Fez açude, estrada de rodagem. Carregou água pra casa do home, fez a feira e serviu de montaria. E o homem, em retribuição, o que é que lhe dá? Castigo, pancada, pau nas perna, pau no lombo, pau no pescoço, pau na cara, nas oreia”.

*É verdade, meu senhor / Essa história do sertão
Padre Vieira falou / Que o jumento é nosso irmão*

*...
O jumento sempre foi
O maior desenvolvimentista do sertão!
Ajudou o homem na lida diária
Ajudou o homem / Ajudou o Brasil a se desenvolver*

*Arrastou lenha
Madeira, pedra, cal, cimento, tijolo, telha
Fez açude, estrada de rodagem
Carregou água pra casa do homem
Fez a feira e serviu de montaria*

*...
E o homem, em retribuição
O que é que lhe dá?
Castigo, pancada, pau nas pernas, pau no lombo
Pau no pescoço, pau na cara, nas orelhas
Ah, jumento é bom, o homem é mau!*

*E quando o pobre não aguenta mais o peso
De uma carga, e se deita no chão
Você pensa que o homem chega, ajuda
O bichinho se levantar? Hum...pois sim!
Faz é um foguinho debaixo do rabo dele
O jumento é bom / O jumento é sagrado
O homem é mau*

*...
Mas eu gosto dele
Porque ele é servidorzinho que é danado! / Animal sagrado!*

Intuitiva ou propositalmente, Gonzaga retrata seu próprio microcosmo, pois desnuda a relação homem/jumento – como descrita por ele pode levar o ouvinte, em várias escalas, para

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

outras relações de submissão e humilhação, como as entre Sudeste/Nordeste, Primeiro Mundo/Terceiro Mundo, branco/negro, homem/mulher, rico/pobre etc.

CONCLUSÃO

Com suas canções e apresentações, Gonzaga conduz o nordestino e todos aqueles que admiram suas músicas a uma visualização da terra, da cultura e da natureza, ao falar dos cangaceiros, da caatinga, dos mandacarus, carcarás e gaviões, do solo rachado pela seca, da asa branca e da preocupação com o meio ambiente deteriorado pela ação humana. Ao cantar as alegrias, as dores e os amores de seu povo, foi a voz dos que não tinham voz. Por intermédio de suas músicas Luiz Gonzaga passou a ser efetivamente reconhecido no que tange à cultura e tradições, as quais enfocam ainda aspectos pertinentes à geografia, à história e à ecologia, pois as bases da evolução histórica do povo nordestino, a fauna, a flora, as secas, coisas do cotidiano nordestino, enfim, uma gama variada de assuntos foi abordada em sua arte, marcando o imaginário popular e a concretude das realizações.

Ao registrar sua preocupação com a natureza agredida e ameaçada, Gonzaga foi um sujeito ecológico, amparado, tão somente por seu amor a sua gente e a sua terra; pela simplicidade de sua sabedoria em relação à vida; tornando-se assim, alguém que cantou a natureza e a vida. Desta forma, Gonzaga não apenas descobre o Nordeste, ele é um dos mais importantes inventores da região, participando objetivamente da construção da própria idéia da região, enquanto território de cultura. O nordeste de Luiz Gonzaga é o seu sertão, é a sua vida, seu sentimento, suas lembranças, suas memórias, suas experiências, suas vivências, suas imaginações, suas paixões...

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **A seca: realidade e mito**. Recife: ASA Pernambuco, 1985.
- ARAÚJO, Maria Lia Correia de. **Seca: fenômeno de muitas faces**. Fundaj: Recife, 1999.
- BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. Ed. Atlas. 1996.
- MATOS, Maria Izilda. **Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- REBOUÇAS, Aldo da C. **Água na região Nordeste: desperdício e escassez**. Estudos avançados. Vol. 11, n. 29, p. 127-154, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n29/v11n29a07.pdf>. Acessado em 15 de dezembro de 2018.
- SANTOS, José Farias. **Luiz Gonzaga: a música como expressão do Nordeste**. São Paulo: IBRASA, 2004.